

Mudanças Climáticas no Rio Grande do Sul

Climate Change in Rio Grande Do Sul

Thaís Cristina C. Moreira Ferreira (<https://orcid.org/0009-0002-2321-9972>) 

<https://lattes.cnpq.br/3862646181025802>

Aluna do curso de Relações Internacionais, UFPel. Bolsista de Iniciação Científica CNPq do Grupo de Pesquisa Centro de Estudos Estratégicos e Planejamento Espacial Marinho (CEDEPEM).

E-mail: thaiscristinacmf@gmail.com

Relato Pessoal

É evidente que a condição climática do mundo está cada vez mais alarmante e emergente. Os eventos climáticos ocorridos no Rio Grande do Sul de junho a outubro de 2023 nos mostraram o quão perto de nós tais fenômenos estão e o quanto é importante a conscientização da população e das autoridades públicas da responsabilidade de reverter e minimizar este quadro. O impacto dos desastres naturais não desequilibra somente a cadeia social dos moradores das regiões afetadas, mas também, todo um ciclo que vai desde a biodiversidade de espécies e ecossistemas até a agropecuária. Em Pelotas, cidade onde vivo, pude observar a presença de animais aquáticos como os leões marinhos beirando a orla da praia, por terem sido trazidos com as fortes correntes do mar, um grande risco para a espécie que foi retirada de seu habitat natural. Notei também que as chuvas, ventos e alagamentos atingiram fortemente as zonas rurais, onde se encontra grande parte da população pelotense e gaúcha, muitos responsáveis pela alimentação do país.

Além de um total desequilíbrio no fluxo geral das coisas, não posso deixar de mencionar as perdas de vidas que foram levadas na tragédia, além das diversas famílias completamente desalojadas e desabrigadas. Quando me mudei de Minas Gerais para o Rio Grande do Sul em 2021, este já era conhecido pelo seu notável inverno severo e seu verão insuportavelmente quente, mas nunca havia imaginado viver na pele uma catástrofe

de tamanha magnitude. É assustador lembrar do medo e da incerteza que foram aqueles dias, esperando que as chuvas cessassem, que as águas dos rios abaixassem e que não fosse noticiado que outro ciclone estava por vir.

Na minha residência, foram três dias sem energia elétrica, alimentos perdidos na geladeira, dificuldades de comunicação com meus parentes distantes que seguiam acompanhando os jornais preocupados, e um enorme transtorno até mesmo para funções básicas como um banho. Nas áreas mais afetadas, a falta da energia elétrica se perdurou por vários e vários dias, acompanhada da falta de água. Os técnicos se revezavam em plantões exaustivos para a sanar as demandas em toda a cidade afetada, mas em alguns locais específicos era necessário que as chuvas cessassem para que esses pudessem ter o acesso e resolver o problema. O desastre era visível nas ruas cheias de lama, alagadas, casas e comércios sem telhados, pessoas sendo resgatadas em botes, um verdadeiro cenário de filme de terror. Quando vemos desastres desse tipo pelos jornais sempre nos sensibilizamos muito com os atingidos, mas quando se está tão próximo o sentimento é de uma forte impotência, porque você também está na mesma vulnerabilidade. Afinal, o que poderíamos fazer nós contra a imensa força da natureza? Por isso ver a mobilização da população e do Exército em ajudar os que estavam mais desamparados fez toda a diferença.

Outro ponto que me chamou a atenção, foi o nosso despreparo para encarar esses desafios, sendo que as pessoas não possuem consciência de sua responsabilidade. Com os olhares públicos cada vez mais voltados para o desenvolvimento de áreas de interesses específicos das autoridades, determinadas regiões ficam totalmente desamparadas e sem nenhum tipo de investimento básico. Em Pelotas por exemplo, é claro observar que as zonas mais afetadas foram as que também são sempre esquecidas nos investimentos públicos e há poucos movimentos de politização e debates sobre o tema, que sempre é deixado em segundo plano nas discussões da administração superior. E isso é algo que não é específico daqui, em várias outras localidades, esse problema se repete.

Em menos de um mês foram registrados três ciclones extratropicais no território gaúcho e ao total de junho a outubro foram 9. Além das mortes, ventos e alagamentos, o fenômeno também deixou várias pessoas desabrigadas e apesar da própria localização do estado ser um fator condicionante, há muito tempo não se via impactos tão severos e significantes

como no ano de 2023. O que deixa a variante das mudanças climáticas ainda mais evidente. A natureza tem se voltado contra nós de forma mais intensa e iminente e se tornou urgente que sejam desenvolvidas políticas preventivas que incorporam tanto as condições de precaução e estrutura para reduzir os danos de eventuais ocorrências, quanto no que se refere a responsabilidade humana sobre a temática. Entender que é de nosso juízo assumir as consequências desses fenômenos no mundo e agir a favor de uma mudança já.